

A Crítica e sua Construção: um Estudo Através do Filme Ninfomaníaca Sobre a Influência da Crítica Cinematográfica Online na Formação da Opinião do Leitor¹

Guilherme FRANCO PINTO²

Hugo de Almeida HARRIS³

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho visa discutir como a crítica cinematográfica online se insere no processo triangular entre o leitor, o produto fílmico e o crítico. Estabelecer um panorama sobre esse estilo de texto e seu papel em um filme como Ninfomaníaca, a partir de entrevistas com críticos de veículos impresso e online. Colocar em experimentação o processo de recepção de uma crítica com estudantes de graduação para assim gerar um panorama de como a crítica é vista por uma parcela de leitores.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual; cinema; crítica cinematográfica; jornalismo cultural.

TEXTO DO TRABALHO

INTRODUÇÃO

Em 2013, foi lançada a primeira parte de “Ninfomaníaca”, de Lars Von Trier, diretor que foi declarado *persona non grata* no Festival de Cannes após a polêmica durante a coletiva de imprensa de “Melancolia”. Causando grande alvoroço no cinema mundial, o filme chegou a ser proibido em alguns países e gerou um enorme tumulto ao abordar como assunto uma viciada em sexo. Muitas críticas foram lançadas a favor e contra o filme, o que causou um rebuliço nas redes sociais e no meio audiovisual.

Este estudo tem como propósito verificar até que ponto uma crítica cinematográfica online influencia na opinião do leitor sobre o filme. Como ela está relacionada direta e indiretamente com pessoas próximas de quem leu a crítica. Como o cunho sexual do filme Ninfomaníaca gerou problemas entre espectadores do filme e como o texto de crítica amenizou ou piorou ainda mais a questão. “O espectador de cinema, essa invenção com que começou no século XX, está mudando na última década. Como é formado o saber de cinéfilos e videófilos?” (CANCLINI, 2008, p. 26)

No seu período inicial, a sétima arte foi recebida com grande burburinho pelo público, pessoas acreditando que ele não iria durar muito tempo e uma grande discussão acerca do

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Jornalismo do CCL-MACKENZIE, email: guilherme.fp11@gmail.com

³ Orientador do trabalho: Professor do Curso de Jornalismo do CCL-MACKENZIE, email: 1144509@mackenzie.br

processo de filmagem. Sua significação foi evoluindo até chegar ao cinema contemporâneo de hoje em dia, onde não se tem apenas o simples comentário do público, mas sim livros e trabalhos de reflexão acerca do tema e críticos especializados. Este trabalho visa investigar o processo de reflexão sobre um filme e como é para o leitor essa recepção, como funciona a mediação entre o emissor, o receptor e o filme em si?

Pierre Lévy (2000) ressalta que a extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e sociedade. Proponho também analisar a repercussão de uma crítica de um filme em outros ambientes, como o virtual; investigar como é a mediação entre o leitor, o filme e o texto na internet. Investigar como é o trabalho da crítica no pré e pós-lançamento de um filme também são propostas deste trabalho.

A recepção de uma mensagem pode colocar em jogo diversas modalidades perceptivas (LÉVY, 2000). Desde que o cinema é falado, ele envolve dois sentidos: visão e audição. As realidades virtuais podem colocar em jogo a visão, a audição, o tato e a sinestesia e, com isso, pretendo buscar por meio de desse projeto como é essa relação da recepção da mensagem do leitor para com a crítica. “O termo ‘interatividade’ em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. De fato, seria trivial mostrar que um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo.” (LÉVY. 2000 p. 79)

Com essa pesquisa, pretendo analisar a interatividade entre o leitor e o meio com que ele busca conhecer mais sobre o filme, como os comentários na crítica e resenha do filme acabam se tornando um centro de interação, como é a resposta do leitor. Tendo como objeto de estudo a relação entre crítica, o leitor e o filme *Ninfomaníaca*, busco verificar quão influente a crítica é na opinião de quem lê o texto crítico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Crítica Cinematográfica

O procedimento de recepção deve ser reconhecido como momentâneo, no sentido de ser um processo construtivo, pois ele altera/constitui a obra em si em um método de formação da imagem final de determinado produto cinematográfico.

O cineasta, que a partir de sua recepção do ‘real’ (ou de seu mundo vivido) cria imagens identitárias (que envolvem contextos nacionais), e o crítico, que recebe tais imagens e delas recria novos imaginários acerca de significados sobre ‘realidade’ e identidade. (ALTMANN, 2008, p. 612)

O papel da crítica cinematográfica “...pode ser entendida como a instância que participa ativamente da formação e consolidação de interesses, preferências, conhecimentos e emoções do público que se relaciona com a obra” (ALTMANN, 2008, s/p). Muitas vezes está atrelado ao gosto pessoal de determinado autor, e com isso esse comentador tem um papel essencial na formação do universo diegético do espectador. É ele quem vai decompor subjetivamente o entendimento do filme, se tornando muitas vezes, além de um formador de opinião, um conscientizador e influenciador.

A crítica de cinema surge como um misto entre cinema e jornalismo. Do ponto de vista em que temos não-jornalistas e especialistas fazendo esse trabalho de avaliação sobre o trabalho artístico, como blogs e outros canais amadores na internet, observa-se o papel da crítica como um amor pelo cinema, em que cada vez mais profissionais de diversas áreas querem falar e ser ouvidos.

Digo crítica como extensão à cinefilia pela razão de a primeira não ser composta na época por um campo ‘profissionalizante’. Na falta de ‘formação’ para tornar-se crítico, havia duas condições primordiais para sê-lo: a devoção ao cinema e a vocação de sua escritura. (ALTMANN, 2008, p. 05)

Há também a especialização do repórter, em que excedendo o contexto de jornalismo cultura. Acaba-se indo mais profundamente e se tornando, na maioria das vezes, mais que um profissional da notícia, um especialista. Devendo assim, na maior parte do tempo, utilizar o “jornalês” para se expressar afim de provocar o desejo de ser lido/ouvido/visto (TRAQUINA, 2008, p. 46). Como grande desafio, saber articular critérios de noticiabilidade como notoriedade (ao falar de um (a) ator (iz) famoso (a)) ou relevância (quando determinado contexto do filme muda concepções de valores éticos e morais), junto aos comentários opinativos é a tarefa sempre presente de um crítico de cinema, mesmo ele utilizando esses critérios inconscientemente e não sendo um jornalista.

A crítica cinematográfica, em algumas das vezes, é publicada sem um embasamento teórico, e é uma forma de entretenimento, não tendo assim o compromisso em uma formação aprofundada sobre o assunto. Sendo muito mais opinativa do que acadêmica, e “assim como a crítica literária ou a filosófica não produzem literatura ou filosofia, a crítica de cinema tampouco produz teoria cinematográfica.” (SCHWARZBÖCH, 2000). Procura-se muito mais comentar tal fato ou filme em um sentido opinativo/subjetivo do que contribuir para um cenário bibliográfico, diferente da análise, em que seu objetivo “talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas

tornando-o um deslumbramento participante.” (GOLIOT-LÉTÉ e VANOYE, 2013, p. 13). A crítica busca o distanciamento ou aproximamento dependendo da preferência final de quem comentará sobre.

Assim como ao assistir um filme, ao ler uma crítica, ao estar em um diálogo entre obra e leitor, têm-se um encontro onde faz surgir novas formações artísticas e perspectivas da arte. Há uma assimilação de ideias e formação de opiniões que podem comprovar que “a recepção é produtiva e não passiva” (ALTMANN, 2008, s/p), pois ela cria novos entendimentos e princípios a partir do tema abordado em determinada película.

Aqui se questiona: o gosto na crítica seria o relativismo de até que ponto você conseguiu entrar no meio diegético proposto por determinado autor/diretor? Ou o que subjetivamente é bom e ruim e conseguiu satisfazer seu expectador interior? Ou ainda o que você considera como bom ou ruim, predeterminado em um suposto senso comum?

A arte se dirige a todos, na esperança de criar uma impressão, de ser sobretudo sentida, de ser a causa de um impacto emocional e de ser aceita, de persuadir as pessoas não através de argumentos racionais irrefutáveis, mas através da energia espiritual com que o artista impregnou a obra. Além disso, a disciplina preparatória que ela exige não é uma educação científica, mas uma lição espiritual específica. (TARKOVSKI, 1998, p. 40)

Então como fazer quando não conseguimos nos “inserir” no contexto proposto pelo artista? A afirmação de que “uma pessoa só será sensível e receptiva à arte quando tiver a vontade e capacidade de confiar e acreditar num artista” (TARKOVSKI, 1998, p. 45) reflete bastante o processo de aceitação e compreensão do eu-lírico de um profissional da arte. A crítica envolve fatores como repertório e conhecimento de quem a escreve associado ao momento em que ele vive, a historicidade como um todo e como a pessoa se apresenta racionalmente/emocionalmente. Tudo isso são fatores que influenciam na opinião de cada indivíduo. Por isso há a diferenciação, nem sempre reconhecida pelo leitor, “...entre a tendência autoral da crítica, que confere certa raridade ao cinema, e a crítica enquadrada em um suposto ‘gosto vulgar’, há de se considerar suas relocalizações conceituais e receptivas.” (ALTMANN, 2008, p. 621).

A subjetividade encontra-se presente na crítica no instante em que “em geral, uma pessoa irá julgar um filme através das leis da vida real, substituindo, sem perceber, as leis sobre as quais o autor baseou seu filme, por leis derivadas da sua experiência comum e trivial do cotidiano.” (TARKOVSKI, 1998, p. 214). O que se deve é questionar o limiar entre opinião pessoal e crítica, exercendo a profissão de um crítico, como equilibrar isso para que não

ocorra desvirtuos para pendermos a determinado lado por consequência de questões extras à arte cinematográfica e a análise fílmica, como interesses comerciais ou particulares.

Muitas vezes “ao comprar seu ingresso, é como se o espectador tivesse procurando preencher os vazios da sua própria experiência, lançando-se numa busca do ‘tempo perdido’.” (TARKOVSKI, 1998, p. 96) O que reflete com o contexto social atual, nesse estado constante de carência, nessa falta não somente de afeto, mas também de uma lógica, onde tenta-se a todo instante encontrar e prender-se a algo que pudesse inserir dentro de uma zona de conforto onde não se precisa ter uma preocupação extra. Na maioria das vezes é para se inserir em um grupo, como seres comunitários que são, em que esse instinto é arquitetado e afirmado por conta de uma construção social. Que consiga preencher o vazio interior gerado como produto das relações líquidas (BAUMAN, 2004) em que vivemos, em conjunto ao imediatismo e ao sentimento constante de insatisfação.

Como o jornalismo, ao passar por um período de transição, a crítica também tem que se adequar a novos formatos digitais e meios cada vez mais interativos. O leitor pede não somente o comentário de alguém, mas também um espaço para que ele próprio possa comentar em resposta à opinião do autor iniciante. Com a internet, criou-se um espaço em que se misturam ambientes em que pode haver a discussão entre grupos anteriormente separados por motivos espaciais e sociais. Outro comportamento desenvolvido com essa liberdade de expressão e interação é a simples censura e o estímulo à não-argumentação. Com a opção de recursos como excluir um comentário ou simplesmente bloquear determinado usuário que não corresponde à sua ideologia.

Com o advento das tecnologias atuais, o processo crítico também entrou no meio virtual e foi impulsionado com o aparecimento de blogs e outros meios independentes e populares, saindo assim do meio restrito em que estavam, quando se situavam somente em jornais ou revistas especializadas.

Lars von Trier

O dinamarquês Lars Von Trier exerce a função de cineasta desde criança, quando fez o curta “The trip to Squash Land” com apenas onze anos. Conhecido por suas polêmicas e inovações no sentido de linguagem cinematográfica, pode-se citar os filmes Dogville e Manderlay, onde se tem o mínimo de cenário e cenografia. “A práxis cinematográfica de Lars Von Trier se mostra extremamente sensível às questões dos limites da forma de

expressão da mídia cinema, bem como ao questionamento das fronteiras que delimitam os gêneros cinematográficos.” (OLIVEIRA, 2008, p. 01)

Von Trier, junto com Thomas Vinterberg, criou o movimento Dogma 95, no qual estavam “preocupado não tanto com termos ‘estéticos’, mas talvez mais com aspectos econômicos que revelarão um questionamento ético sobre o modo de se fazer cinema.” (DÓRRIO, 2009). Para o filme ganhar o certificado do dogma algumas regras deveriam ser seguidas. “O que Dogville e o Manifesto Dogma 95 nos perguntam é: estarão os cineastas à disposição de um mero serviço de produção de bem ou consumo, ou a serviço de seu desejo criativo?” (DÓRRIO, 2009, p. 44).

Lars influenciou muitos cineastas atuais e é um marco no cinema dinamarquês. “A afinidade de Von Trier com um estilo de cinema expressionista alemão que enfatiza longos planos e elaborados movimentos de câmera através de espaços cenográficos altamente artificiais e cuidadosamente construídos.” [em tradução livre]⁴ (JENNINGS, 2002, p. 362). *Ninfomaníaca*, entre outros filmes, teve um diálogo bem forte com a mídia, causando furor, com histórias de como foi o contrato de atores e ao usar sexo real no filme. Atrizes, como Charlotte Gainsburg e a cantora Björk, responderam, em entrevistas, que ficaram até certo ponto traumatizadas por gravar com o diretor. “Acho importante que todos nós [diretores] tentemos dar algo a esta mídia ao invés de apenas pensar sobre qual é o jeito mais eficiente de contar uma história ou de segurar a audiência no cinema.” (TRIER, 2000, p. 157)

O processo de participação do espectador nos filmes de Lars Von Trier se dá como citado por Oliveira: “O ‘jogo’ armado por Von Trier sempre precisa dessa sintonia com a percepção dos (as) espectadores (as), no entanto, o que começa como um jogo inocente muitas vezes se mostra uma provocação ao próprio fato de a audiência se deixar captar tão facilmente.” (OLIVEIRA, 2008, p. 03).

O diretor insere o espectador em um meio, muitas vezes já iniciando com algo chocante, como a primeira cena do filme *Anticristo*, em que o bebê salta pela janela enquanto os pais fazem sexo no banheiro. Posteriormente, vai o colocando em um ambiente que mistura o impulso ao questionamento à realidade mais nua do ser humano, suas histerias, seus medos e suas podridões. “Através desse espírito polêmico, transgressor, que o cinema de Lars Von Trier mostra com lirismo e relata com emoção, jogando com outras artes, habilmente

⁴ Von Trier’s affinity with a german expressionist cinematic style which emphasizes long shots and elaborate camera movements through highly contrived and carefully constructed scenographic spaces.”

dialogando com sentimentos que emanam no corpo da sociedade atual. (OLIVEIRA, 2008, p. 10)

Ninfomaníaca

O filme *Ninfomaníaca*, escolhido como objeto deste estudo, conta a história de Joe, interpretada por Charlotte Gainsbourg, uma mulher viciada em sexo que é encontrada em um beco por Seligman, interpretado por Stellan Skarsgård e começa a contar sua história para ele. O filme mostra a “‘evolução erótica’ de uma mulher que se declara ninfomaníaca e busca compreender a própria situação à luz de discussões filosóficas.” (GONZAGA, 2015). Podemos começar falando por meio da manchete do site de notícias Sp!ked: *Ninfomaníaca: sexo despido de significado* [em tradução livre]⁵, onde mostra claramente como o filme tem muitos significados intertextuais inserido dentro de seu contexto.

“As narrativas sobre sexualidade ganham espaço cada vez maior na atualidade, visto a flexibilização das regras de formação dos discursos sobre o sexo (GONZAGA, 2015, p. 106). O filme traz profundas reflexões sobre o contexto social em que nos encontramos, alguns detalhes do filme são “distribuídas como ‘rastros’, essas expressões manifestam significantes de sentidos sócio históricos, que, analisados semioticamente, podem nos indicar os processos de significação do sexo em épocas específicas.” (GONZAGA, 2015, p. 106).

Logo ao ver o cartaz já podemos enxergar um pouco do que nos aguarda no filme, a frase:

‘esqueça o amor’ materializa práticas da contemporaneidade que atestam as relações sexuais como mais valorizadas que as afetivas para os sujeitos. Tornou-se regra desvincular sexo e amor e, mais, tornou-se regra buscar incessantemente o prazer e situar o amor como idealização romântica (GIDDENS, 1992 In. GONZAGA, 2015, p. 111)

O diretor “Von Trier constrói uma narrativa com um espaço quase que claustrofóbico, especialmente para a personagem principal. É impossível não se sentir desconfortável, é impossível ficar distante da dor sofrida pelas personagens. ” (OLIVEIRA, 2008, p. 05). *Ninfomaníaca* foi dividido em dois volumes e chocou muito na época do lançamento. Tem sua versão do diretor e fecha a trilogia da depressão que se iniciou com *Anticristo* e *Melancolia*, e assim observa-se como Lars von Trier marca sua obra com grande carga psicológica e depressiva (SERGL, 2014).

⁵ “Nymphomaniac: sex stripped of meaning”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Papel da crítica e seu processo

Para esta pesquisa foram realizadas entrevistas com diversos críticos de internet e de veículos impressos, e assim pode-se construir abaixo um breve panorama sobre suas respectivas opiniões de como a crítica se porta nos dias de hoje, são eles: Eduardo Fernandes (Revista Preview), Humberto Silva (Revista de Cinema), Joyce Paes (Cinemascope), Marcelo Lyra (professor e crítico), Octavio Caruso (Críticos e Devo tudo ao Cinema), Sérgio Rizzo (professor e crítico da Folha de São Paulo), Tatiana Babadobulos, (Folha de São Paulo).

A crítica é um processo para se ter uma experiência mais profunda em relação ao filme, e muitas vezes o leitor procura um crítico que tenha uma visão similar a sua própria. O texto online influencia o leitor inteligente a querer apreender mais sobre aquele filme, pois segundo Octavio Caruso, “Uma boa crítica leva o leitor a se interessar a ler o livro original que foi adaptado pelo roteiro, por exemplo.” O argumento crítico pode fazer com que o leitor entenda que havia se equivocado com relação a aspectos da obra ou servir apenas para incitar a reflexão sobre pontos já compreendidos. “A crítica, na melhor das hipóteses, é uma vertente fascinante da filosofia”, na opinião de Octavio. “Vivemos num mundo governado por ideias que outros desenvolveram, e ficamos diante de apenas duas opções: a conformidade aos padrões dessas ideias ou a rejeição e contestação das mesmas - uma posição cada vez menos promissora.” (TARKOSVKI, 1998, p. 279)

Não simplesmente emitir opinião, o crítico pode fazer uma análise sem que pareça uma opinião. Consiste em interpretação e reinterpretação. Tradicionalmente, a crítica exerce o papel de mediação, intermediação. Sobre o processo de relação triangular entre o autor, o texto crítico e o leitor, não há como entender a subjetividade do outro, mas sim ver as existentes pontes entre o subjetivo de cada um. Assim, têm-se o reflexo de que para cada um a experiência multi-sensitiva é diferente e depende de inúmeros fatores, entre eles construção social e estado emocional no momento. Esse gênero de texto leva para o leitor a oportunidade de se aprofundar em uma temática, tirar as vendas do senso comum e momentaneidade assistiva para assim abrir um leque de outros vieses de como receber a obra fílmica.

A crítica atua com função de separar a obra do que é o filme, desse burburinho em torno de uma coisa que não é só isso. Filmes grandes, como *Ninfomaníaca*, contam com a polêmica

por ter um grande trabalho de marketing e pelo fato do diretor e suas obras terem um caminho desse gênero. Com isso, acaba atingindo todo mundo, desde pessoas interessadas pelo filme a outras totalmente fora do ciclo cinéfilo, e nesse caso têm-se o papel da crítica de destacar a obra como obra.” O papel do crítico é avaliar se a polêmica é justificável ou apenas estratégia de marketing, algo inevitável, ou que potencializa o discurso do filme.

A crítica de cinema não tem qualquer influência quando se está falando de blockbusters, de filmes realizados em função de grandes bilheteiras, nessa situação crítica nessa situação funciona como mais um elemento numa cadeia de marketing. A crítica tem mais força em relação a filmes independentes e não tão comerciais como por exemplo “Que horas ela volta?”, que ganhou mais visibilidade apenas quando estava saindo de cartaz, talvez as pessoas despertaram para o longa e viram nele qualidade. Hoje em dia a rede social é muito importante para o leitor, que comenta coisas, espalha notícias, “deixa vazar” que o ator beijou, tropeçou e etc., estratégias de “espalhar algo” para o filme ser comentado.

O filme, então, torna-se mais que um rolo de película exposto e montado, com uma história, um enredo. Uma vez em contato com a pessoa que o vê, o filme se separa do autor, começa a viver a sua própria vida, passa por mudanças de forma e significado. (TARKOVSKI, 1998 p. 140)

Sobre *Ninfomaníaca*, por exemplo, a crítica não ajudou a disseminar polêmica por polêmica. Ela serviu mais para mostrar para esse público que tipo de cinema é esse, não existia uma gratuidade. O segmento de público que assiste a um filme considerado *cult* pode se influenciar pela palavra de um crítico respeitado, mas também essa mesma parcela de expectadores dialoga com a crítica. Eventualmente - antes de ver um filme como “*Ninfomaníaca*”, por exemplo – esse grupo já tem um background para formar opinião sobre o que o filme oferece. A crítica tem papel importante na educação do olhar e na formação do gosto, mas se alguém vê o cinema como mero entretenimento, é desnecessária. O crítico antes e durante o filme não tem um trabalho, o período de gravação é mais interessante para o jornalista. Muitas vezes o crítico também atua como repórter e faz entrevistas, mas depois que o filme é lançado, ele pode ser resgatado pelo crítico no lançamento, em outras plataformas ou em matérias sobre novos lançamentos relacionados. O crítico é convidado a assistir ao filme antes de seu lançamento, o que é chamado de cabine de imprensa. Um possível problema entre o escritor do texto crítico e o produto fílmico é todo o contexto que algumas distribuidoras colocam, com um café da manhã e kits de brindes. O trabalho jornalístico pode ser corrompido pelo fato de haver essa interferência

entre o entrevistador/crítico e a entrevista/filme, que pode ser uma forma de persuadir quem escreve.

Perspectivas para o texto crítico no futuro

Em um mundo do momentâneo, com relações e contatos superficiais, cativar o leitor e prender sua navegação em uma página na internet é algo essencial e constantemente questionado por editores e autores. Perguntados sobre novas formas de texto crítico cinematográfico e seu futuro frente a um cenário que cada vez mais se aproxima da consolidação de um mundo virtual, mas ainda assim estando no processo de transição do mundo real palpável para o online, várias opiniões se divergiram.

Existe uma falta de vontade ou intimidade do crítico para lidar com o processo de interação com o público, já dos leitores há uma dificuldade de aceitar e respeitar uma visão que seja um pouco diferente da sua.

...outro aliado vigilante: “o bom gosto”, em outras palavras, nosso próprio gosto, cuja justiça não questionamos. Mas, logicamente, assim que mencionamos o gosto tudo se torna ambíguo. Mesmo se aquilo que vemos parece odioso, sempre haverá alguém para tecer elogios. Nada é menos preciso do que o gosto, especialmente o de boa safra. No cinema, como em qualquer outra área, é comum concordar com avaliações negativas do que com o contrário. O entusiasmo dos outros sempre nos surpreende. Raramente o compartilhamos. (CARRIÈRE, 1995, p. 60)

O conceito de crítica pode ser escrever uma reflexão em um texto corrido, e ela só existe se tem alguém lendo, precisa do leitor. Uma nova forma seria com perguntas ao vivo, “mas imediatamente me lembro de fanáticos radicais que não aceitam opiniões contrárias e partem para a ignorância. É melhor deixar sem interação. Não porque o crítico vive no Olimpo e não pode ser atingido, mas porque falta tolerância. É como torcida de futebol”, conta Tatiana Babadobulos. Joyce Paes diz que “falta uma cena mais consolidada dos vlogs sobre cinema - como as de moda têm -, mais parcerias e engajamentos dos autores”. Os blogs mantêm essa multiplicidade de vozes e a oportunidade maior de um relacionamento entre o leitor e o escritor, e também um acompanhamento disso por meio de ferramentas, como Google Analytics, e os comentários nas redes sociais e no próprio blog.

Blogs x Modelos tradicionais

Em meio a um cenário de crise do modelo de negócios do jornalismo impresso, e um mundo cada vez mais fragmentado e superlotado de informações, sons e imagens, a busca

por “prender” o leitor em seu site e que todo seu conteúdo produzido seja compartilhado, curtido e midiaticado ao excesso se tornou a utopia de muitos profissionais e aspirantes da internet.

Por isso, essa confusão que vemos à nossa volta, essa sensação de ‘revolução’ permanente, de exaltação e insatisfação, de uma compulsão quase patológica por mudar as formas exteriores - e por confundir esse processo com uma verdadeira mudança. (CARRIÈRE, 1995, p. 21)

Nos jornais, um ponto negativo é que os textos precisam ser mais breves, já nos blogs os textos podem analisar a obra com maior profundidade, inserindo até mesmo outros elementos sensoriais, como vídeos e músicas. A online sacia o interesse imediatista, mas, infelizmente, pode ser vítima da mesma leitura equivocada e apressada da crítica de jornal. No blog não tem muito compromisso, é mais rápido, já o jornal escreve para o leitor e editor, existe um compromisso com quem está lendo.

A diferença está mais nos críticos em si do que nos veículos que representam. O ponto positivo de um blog é que se trata de uma ferramenta que pode ser usada por qualquer pessoa que queira escrever sobre cinema. Isso é positivo, porque oferece ao leitor uma multiplicidade de opções, de pontos de vista sobre um filme, essa coletividade que não existe fora do site ou da internet. O ponto negativo: há muitos blogs e inúmeras coisas ruins na internet. O leitor menos atento pode se perder e não ter como separar uma crítica séria de uma amadora, fruto apenas da paixão pelo cinema.

Joyce Pais conta que algumas vezes seus redatores utilizaram no blog formas diferentes de escrita, e também houve a não aceitação do público, pois muitos leitores ainda insistem no formato de texto tradicional, mantendo a mesma linha do jornal impresso. Acrescenta também que muitos ainda continuam gostando de textos grandes e aprofundados, contrariando assim a opinião de quem diz que todos os internautas têm a “preguiça” de ler e são somente leitores de manchetes, mas mesmo assim ainda continuam esse comportamento superficial.

Uma nova forma de se fazer crítica foi explorada por Maurício Saldanha no projeto de YouTube “Cabine Celular”, onde após acabar de assistir ao filme o crítico gravava com um celular um vídeo curto contando a experiência com a obra. Pablo Villaça criticou o projeto por conta de Maurício utilizar-se somente da experiência emocional, e não da análise racional e fílmica da obra, contrariando assim os objetivos do texto crítico citados acima, que são dar uma experiência de aprofundamento ao leitor e conseguir enxergar aspectos não vistos comumente numa sessão comum ou no senso comum do público.

O Leitor e sua Recepção

Para construção da reflexão abaixo e impulso inicial ao ainda limitado estudo sobre a crítica cinematográfica online, foram entrevistados 10 estudantes de cursos diversos (Administração, Arquitetura, Design, Direito, Engenharia Elétrica, Jornalismo, Letras, Psicologia) com idade entre 19 e 24 anos. Os participantes foram colocados diante duas críticas do filme *Ninfomaníaca*, uma do blog *Cinemascope* por Luciana, outra do *Papo de Cinema* por Marcelo Müller, e após a leitura, foram questionados sobre os textos.

Houve um reconhecimento de uma totalidade dos integrantes como a primeira crítica (*Cinemascope*) mais tendencial a uma posição neutra e a segunda (*Papo de Cinema*) como negativa. Perguntados se desistiriam de assistir ao filme após ler o primeiro texto, ninguém abandonaria o filme, mas três disseram ter estímulo maior que apenas o texto: o diretor Lars von Trier, a premissa da narrativa do filme e outro por conta do ator Shia LaBeouf.

Após ler o segundo texto, apenas três participantes disseram que assistiriam ao filme, estes para conferir se a opinião do autor reflete com a realidade fílmica de *Ninfomaníaca*. Entre os motivos que levaram à desistência estão: desmerecimento do diretor, utilização de expressões de baixo calão, foco somente na história e defeitos do filme.

O papel da crítica é mostrar os detalhes, fazer o leitor-espectador sair da zona de conforto e pensar sobre a obra. Também ser uma forma de propiciar conhecimento, preparar o telespectador e divulgar o que a Sétima Arte está proporcionando. A crítica ideal para os participantes é um texto que conte um pouco da história e enredo do filme, e de forma resumida também fale de trabalhos anteriores do diretor e atores. Para um dos participantes não é necessário trazer impressões pessoais e aspectos técnicos, mas uma quase totalidade concordou que trazendo perspectivas acerca da cinematografia e alguns pontos subjetivos, o texto acaba ficando mais encorpado e consistente.

Edificar indícios do que constrói a obra audiovisual, olhar além do significado do senso comum e despertar a curiosidade são outros pontos relatados sobre a crítica cinematográfica em uma situação ideal. A construção de um texto de excelência se insere em fazer um paralelo com o contexto social do momento e balancear entre a opinião pessoal e a análise junto a um propósito maior de esclarecimento da criação artística. O grande propósito se mostra de forma utópica em “traduzir” para o leitor-espectador todo o filme, de forma sincera e acessível.

As estrelas (forma simbólica-visual de enumerar a nota sobre o filme, geralmente de 0 a 5) são outra forma contemporânea de exprimir seu comentário crítico. Podendo contribuir para uma leitura superficial do texto crítico e muitas vezes a não leitura do mesmo. Se tornou de muito valor comercial, mas não necessária à argumentação. Para um dos participantes elas atrapalham e nem sempre condizem com o texto, para outro se tiver muitas estrelas, pode fazer com que ela assista ao filme. Três participantes relataram ler as críticas somente após assistir ao filme, leem sempre nos veículos que acompanham e casualmente procuram textos de outros sites.

Entre os participantes, dois tem mais gosto por críticas positivas, seis por textos neutros e dois por negativos. Um integrante pontuou que críticas negativas geralmente apelam nas palavras, as extremas positivas chamam mais atenção e o texto mediano perde o interesse. A crítica negativa chama mais a atenção à leitura por conta da quebra de argumentos fílmicos, de despertar o interesse de por que o crítico usou determinado raciocínio. Outro participante destacou que a negativa o desestimula a assistir e tem receio a textos positivos, que podem parecer comprados, como um release encomendado por uma assessoria. Também foi dito por uma participante que no texto neutro o problema está no crítico, no positivo o filme é de fácil entendimento e no negativo ela se interessa por ver em que o analista está errado.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica cinematográfica online se dá primariamente em um processo triangular: o leitor, o filme e o autor do texto, sendo envolvida pelo meio internet, que é por onde todo esse desenvolvimento se dá.

A influência do argumento crítico e seu processo de reflexão se mostram rodeados por contextos sociais, referências culturais e a forma com que é escrito. Uma crítica negativa pode chamar a atenção por questionar o que é colocado como verdade na hora da exibição do produto audiovisual. Muitos leitores procuram o texto após assistir ao filme, para utilizá-lo como o que foi colocado pelos críticos e participantes da pesquisa: uma forma de abertura para o entendimento e reflexão do filme. Ao contrário do que pode ser pensado, esse estilo de escrita é o ponto inicial para uma discussão, os cinéfilos e demais espectadores usam essa investigação reflexiva para se aprofundar na obra e assim partir para uma discussão maior e além do que é tido como senso comum e construído pela mídia.

A área de crítica cinematográfica ainda não tem um grande referencial teórico e estudos sobre a mesma, a influência do texto crítico quanto ao leitor se designa em dois ramos: para a linguística ou para a psicologia e ainda não há linhas de pesquisa que se propõem a inferir nesse mix interdisciplinar. Para uma maior compreensão e resultados efetivos dessa pesquisa seria necessário um tempo maior de estudo, onde se pudesse abranger um público mais amplo para assim uma menor interferência no resultado final. Os métodos qualitativos e quantitativos trabalharam em conjunto neste estudo, e por consequência disto, a duração e o público participante requerem maiores escalas, pois da influência na crítica para o gosto do leitor participam inúmeros fatores, dentre eles: escolaridade, localidade, entre outros.

O filme *Ninfomaníaca* teve papel fundamental no trabalho, participantes do estudo e o público externo conhecem o filme, mas muitos ainda não assistiram. A maior função desse conhecimento deve-se ao trabalho da mídia e da publicidade, que levaram a expectativa e conhecimento do filme muitas vezes como senso comum, por observarem matérias jornalísticas e postagens em redes sociais acerca da obra.

O meio virtual proporciona um menor distanciamento entre o leitor e o autor, diferente do ambiente impresso, este pode proporcionar uma maior interatividade, com ferramentas como comentários sobre o escrito original e o compartilhamento em redes sociais e aplicativos. Ferramentas para escrita e novos formatos de se fazer a análise crítica ainda são poucos explorados, o que se mostra como consolidado são o texto corrido e as estrelas (forma numérica de pontuar seu gosto pelo filme). Em constante ascensão têm-se os vlogs (vídeos na plataforma youtube), com diversas formas de se abordar determinado produto fílmico.

Em um meio mais literário, ilustrativo e fora da linha de raciocínio usual, o texto crítico ainda não se encontrou presente. Ainda continua em uma constante linha entre a análise fílmica, a adjetivação desta última, uma luta de egos e influências pessoais em um texto que em tese deveria misturar o diagnóstico fílmico sem grandes subjetivações no sentido orgulhoso e sim na experiência quanto a obra fílmica.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Eliska. **Olhares da recepção, a crítica cinematográfica em dois tempos**. Caderno CRH. Salvador, v. 21, n. 54, p. 611-622, set./fev. 2016.

_____. **Recepções da crítica cinematográfica**. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador, mai. 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14272.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p.
- BEZERRA, Julio; BEZERRA, Rafael. **Dogma 95.1** ed. Rio de Janeiro: Conde de Irajá Prod., 2015.96 p.
- CANCLINI, Néstor G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008. Tradução de Ana Goldberger. 94 p.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 221 p.
- DÓRRIO, Maria Argentina Húmia. **A linguagem e a estratégia comunicativa na representação da ética em dogville, de Lars von Trier**. Bibliocom. Paraná, v. 2, set-dez. 2009.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. 143 p. (Ofício de arte e forma).
- GONZAGA, Juliane De Araujo. **Do prazer ao mal-estar do sexo: análise semiótica da publicidade de ninfomaniaca de Lars von Trier**. Domínios de lingu@gem. Uberlândia, v. 9, n. 1, jan./mar. 2016.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000. Coleção TRANS. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 260 p.
- JENNINGS, Ros. **Fifty Contemporary Filmmakers**. Editado por Yvonne Tasker. Nº 1. Londres: Routledge Key Guides. 2002. 480 p.
- OLIVEIRA, Fábio Crispim de. **A intermedialidade subversiva na narrativa cinematográfica de Lars von Trier**. Tessituras, interações, convergências. São Paulo, n.11, jul. 2. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/anaisonline/simposios/pdf/057/fabio_crispim.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2016.
- SCHWARZBOK, S. **Diez tesis sobre la crítica de cine**. El amante-Cine. Buenos Aires, n. 94, enero, 2000.
- SERGL, Marcos Júlio. **Do prazer ao mal-estar do sexo: análise semiótica da publicidade de ninfomaniaca de Lars von Trier**. Lumen et virtus. Uberlândia, v. 5, n. 10, mar. 2014.
- TARKOVSKI, Andreaei Arsensevich. **Esculpir o tempo**. 2ª edição São Paulo: Martins Fontes, 1998. 306 p.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2 ed. 2005-2008. 224 p.
- TRIER, Lars von. **“9 A.M., Thursday, September 7, 2000: Lars von Trier.”** Entrevista concedida a Kjeld Koplev, 2000. In: *Conversations with filmmakers*. Jan Lumholdt (org.) Universidade de Mississippi, 2003.